

**PATRIMÔNIO** // Forte Real do Bom Jesus passa despercebido em Casa Amarela

## História esquecida em sítio

TÂNIA PASSOS

DA EQUIPE DO DIÁRIO

Qualquer estudante do ensino médio já ouviu falar das duas maiores batalhas travadas para a expulsão dos holandeses de Pernambuco, no século 17 - Batalha dos Guararapes e das Taboas. O que pouca gente sabe é de um movimento de resistência que antecedeu essas duas lutas - o do Forte Real do Bom Jesus, em 1630 - uma fortaleza de terra, erguida onde hoje é o Sítio Trindade, na qual um contingente de apenas 200 homens resistiu durante cinco anos contra o exército inimigo de cerca de 1.500 homens, configurando-se como o primeiro ato de resistência contra os invasores. O local desse feito histórico está esquecido. Não ganhou honrarias e tampouco placas de identificação. Tomado pela vegetação, passa despercebido do público que visita o sítio.

A área do forte foi descoberta há quase 40 anos por uma equipe de arqueólogos do departamento de história da Universidade Federal de Per-

nambuco, em 1968, sob o comando do professor Marcos Albuquerque. Vinte anos depois (1988), foi feita uma nova prospecção no local para se avaliar a ação dos elementos destrutivos naturais sobre as estruturas. Duas décadas depois, a história volta a se repetir. Apesar de não haver lixo acumulado, a vegetação, incluindo árvores de porte, tomou conta do sítio arqueológico, que se encontra cercado por grades e sem nenhuma função educativa. "Passo por aqui todos os dias para levar meu filho no

colégio, mas não sabia que essa área cercada tinha sido um forte. Eles lutaram contra quem?", questionou curiosa a dona-de-casa, Mônica Neves Ferreira, 31, mãe de Pedro Henrique, 12, que também não sabia sobre a existência do forte. Para o professor Marcos Albuquerque, que participou das duas campanhas de pros-

peção, a sensação é de um trabalho perdido. "Para o arqueólogo, o sentimento é semelhante ao de um médico que não poupou esforços para salvar um paciente e depois assiste a sua morte", lamentou.

Para se ter uma idéia da importância da pesquisa arqueológica é preciso saber que após a rendição, o forte foi destruído. Não ficaram

ruínas e sequer a localização exata era conhecida. A técnica de trabalho adotada pela equipe de arqueólogos incluiu a abertura de trincheiras, que fo-

ram cortadas no sentido Sul/Norte. As trincheiras abertas na prospecção buscaram localizar o fosso, de 11 metros de abertura e cinco de profundidade, que circundava a fortificação. O objetivo seguinte foi recuperar um trecho mais amplo do fosso para permitir estudar os ângulos reentrantes e salientes e de-

finir a estimativa do perímetro.

A única estrutura arquitetônica efetivamente conservada no trecho trabalhado é o fosso. No estudo foi possível identificar restos de outras estruturas relacionadas ao sistema de defesa. Ao todo, foram identificadas cinco unidades do sistema de defesa no âmbito da área escavada e que correspondem a um trecho reduzido da periferia da escavação.

**Artefatos** - A extensão da área escavada, no entanto não foi suficiente para permitir a identificação de padrões de distribuição espacial. Entretanto, o material arqueológico resgatado, em seu conjunto, foi fundamental para uma abordagem arqueológica. Entre os artefatos de uso bélico foram encontradas, munições, apetrechos para fabricação de munição, equipamentos de defesa pessoal e armas brancas. Os projéteis de armas de fogo, por suas características, poderiam estar relacionados a mosquetes, arcabuzes ou pistolas. Parte do material foi cedido para exposição no Museu Militar do Forte do Brum.



LOCAL DA ANTIGA FORTALEZA ESTÁ TOMADO PELA VEGETAÇÃO



PROSPECÇÕES REALIZADAS EM 1968 E 1988 LOCALIZARAM ARTEFATOS BÉLICOS